

A ARTE DE AMAR SOB A ÉGIDE DA LIQUIDEZ

Renato Nunes Bittencourt¹

RESUMO: O artigo argumenta que vivemos em uma era civilizatória que, não obstante a liberalidade sexual nos faz permanecer na extrema dificuldade de estabelecermos relações amorosas de alteridade para com nossos parceiros amorosos, transformados, de forma geral, em meros objetos para usufruto egoísta.

Palavras-chave: amor; mercado; narcisismo; vida líquida

ABSTRACT: The article argues that we live in an era that civilizing, despite sexual liberality makes us stay in the extreme difficulty of establishing romantic relationships of otherness to our loving partners, transformed, generally speaking, in mere objects for selfish enjoyment.

Keywords: love; Market; Narcissism; Liquid Life

Na relação amorosa da contemporaneidade, a durabilidade do relacionamento geralmente está atrelada ao fator satisfação, fortalecendo-se o caráter utilitário da experiência afetiva. No momento em que isso não ocorre, pode se desinvestir da pessoa amada, de modo a se salvar a integridade individual. Isso implica que o amor seria unilateral, porém, as trocas recíprocas parecem sair da configuração do amor exclusivo pelo sustento e segurança, para adentrar na lógica do exercício igualitário de ações para manutenção física e psicológica do casal, desde as atividades de rotina diária até manifestação sexual multifacetada e compartilhada. Conforme argumenta o casal Ulrich Beck e Elisabeth Beck-Gernsheim,

O amor se torna epítome da individualização social e, ao mesmo tempo, promessa de resgatar os indivíduos isolados de sua desvantagem anômica. Amor significa, portanto, combate à solidão. Ele é a resposta, a resposta desejada para a quebra histórica das comunhões e liames [...] O amor é democracia radical a dois, sob a forma de autorresponsabilidade por excelência (BECK & BECK-GERSNSHEIM, 2017, p. 215; p. 216).

O novo modelo de casamento estabelece como regra básica que os noivos se amem ou que transpareçam isso, porém, tal carga de sentimento, aliada com a liberdade de escolha, gera no ser humano expectativas e idealizações que podem se tornar armadilhas perante a realidade frustrante inerente ao relacionamento conjugal duradouro. Stendhal denomina “cristalização” esse processo psicológico, uma “operação do espírito que extrai

¹ Doutor em Filosofia pelo PPGF-UFRJ/ Coordenador do Curso de Administração da FACC-UFRJ. E-mail: renatonunesbittencourt@gmail.com

de tudo o que se apresenta a descoberta de que o objeto amado tem novas perfeições” (STENDHAL, 1999, p. 7). Quando uma pessoa reconhece a existência do outro na relação, ocorre mudança tanto no comportamento da pessoa que se sente incompreendida, quanto daquela que tenta compreender. Esse outro é um ser que sente, pensa e sofre tal como o eu, mas que é diferente de mim. Para Lévinas,

Amar é existir, como se o amante e o amado estivessem sós no mundo. A relação intersubjetiva do amor não é o início, mas a negação da sociedade. E existe aí, certamente, uma indicação sobre sua essência. O amor é o eu satisfeito pelo tu, captando em outrem a justificação do seu ser. A presença de outrem exaure o conteúdo de tal sociedade. O calor afetivo do amor realiza a consciência desta satisfação, deste contentamento, desta plenitude encontrada fora de si, excêntricos. A sociedade do amor é uma sociedade a dois, sociedade de solidões, refratária à universalidade (LÉVINAS, 2007, p. 43).

A qualidade dos recursos disponíveis para o enfrentamento e elaboração das perdas ao longo da vida está relacionada ao padrão de apego do indivíduo. O afeto tem o poder de determinar o jeito da pessoa, a forma de se posicionar, de colocar em prática suas ações, condutas e pensamentos, à maneira como criam os laços de afetividades, que se apresentam através de amizades, namoros, casamento etc. O afeto corresponde a uma gama de sentimentos associados à história de vida de uma pessoa, sendo responsável em estruturar os laços de subjetividade pessoais, como lealdade, empatia, enfrentamentos, respeito: “Amar é vivificação perene, criação e preservação intencional do amado” (ORTEGA Y GASSET, 2002, p. 19).

A vivência da dor em um mundo que exige acima de tudo a celebração da performance adquire traços heroicos, pois evidencia de modo sincero o direito singular do sujeito ao seu próprio âmago, e é nessa dimensão existencial reencontrada que uma pessoa é capaz de avaliar razoavelmente os rumos de sua vida, um rizoma de afetos, possibilidades e disposições. A perda dará outro teor às relações que prosseguem e aos futuros laços com outras pessoas. Essa experiência, sem dúvida, altera o padrão relacional do enlutado. De acordo com Bauman, a Modernidade Líquida, fase de dissolução dos paradigmas fundamentais da Modernidade (racionalidade, progresso, técnica, identidade, universalismo cultural) estabelece uma reconfiguração das experiências amorosas. O caráter emancipatório da Modernidade revela sua liquefação através da hipérbole das suas contradições irresolutas. Os “contratos afetivos” de longo prazo com o utópico final feliz para o casal, tão ao gosto do espírito romântico-burguês, são suprimidos em decorrência

de uma nova fase da ética narcísica que acompanha as transformações do regime capitalista em sua fase de flexibilidade produtiva e de inerente necessidade de adequação constante ao poder fluido do mercado, da economia e das instituições. As relações amorosas perdem sua densidade e senso de investimento em longo prazo (com seus fracassos e sucessos) para se tornarem naturalmente efêmeras e descartáveis (onde impera a lógica do descarte do parceiro amoroso tão logo ele tenha nos fornecido o prazer que queríamos obter). Assim como a divisão social do trabalho fortalece a divisão técnica do conhecimento, assim também as urgências de um modelo de produção capitalista norteadas pela dissolução da identidade profissional para melhor controlar a força laboral do trabalhador produzem, no plano das relações afetivas, a perda da crença na estabilidade, na segurança e nas narrativas extensivas da vida. Tudo passa a ser efêmero, incerto, inconstante. Conforme Bauman,

A Modernidade descobriu que a condição de volatilidade que origina a insegurança perpétua dos atores pode ser transformada no mais fidedigno dos fatores de manutenção do modelo. A política de regulação normativa foi substituída pela “política de precarização”. A flexibilidade das condições humanas preenche com a insegurança do presente e a incerteza do futuro acabou por ser vista como sendo a melhor matéria prima para a construção de uma ordem forte e resistente; a vida segmentada em episódios sem peias ao passado nem amarras ao futuro elimina o desafio de estabelecer a ordem de uma forma mais radical do que fizeram as mais elaboradas (e exorbitantemente caras) instituições de vigilância panóptica e de administração cotidiana (BAUMAN, 2010, p. 224-225)

A era moderna estabelece a apologia da racionalidade científica, da precisão, do controle das forças da natureza, em nome da ordem, do progresso material e da estabilidade da vida social. A liquefação da Modernidade, por sua vez, insere o plano da contingência na agenda do mundo, contingência que tanto foi negada pela tradição moral e cultural de nossa intelligentsia. A contingência porta consigo a ambivalência, a imprecisão, a natureza múltipla dos fenômenos, onde tudo é infinitesimal, relativamente grande ou absolutamente pequeno. Essa ambivalência resulta principalmente da instabilidade que impera na modernidade líquida, época de incertezas e inseguranças provenientes do risco que poderá trazer um novo relacionamento diante do qual previsões e mecanismos de controle não se aplicam. Ao dissecar os líquidos relacionamentos modernos, o autor mostra como a interação entre homens e mulheres refletem uma ordem social pautada por riscos socialmente produzidos:

Os tempos modernos encontraram os sólidos pré-modernos em estado avançado de desintegração; e um dos motivos mais fortes por trás da urgência em derretê-los era o desejo, por uma vez, de descobrir ou inventar sólidos de solidez duradoura, solidez em que se pudesse confiar e que tornaria o mundo previsível e, portanto, administrável (BAUMAN, 2001, p. 10)

O desejo não só deixou de ser concretizado, como a insegurança passou a caracterizar as relações de amor e, como resultado, a ansiedade, a superficialidade e a brevidade dos relacionamentos surgem como mecanismos de defesa empregados na relação com a alteridade. Ocorre o autoritarismo do gozo, no qual o sujeito é obrigado a ser feliz. Essa forma de vivenciar um nível de prazer sem qualquer tipo de cerceamento é completamente associado ao liberalismo econômico e sua ênfase na soberania do consumidor. O direito ao prazer é uma prerrogativa individual que não pode ser cerceada nem pelo poder público nem pela normatividade moral. Vemos assim a consolidação de uma nova era do espírito capitalista, não mais pautada pela ascese, pela poupança., pela negação do gozo em nome da disciplina laboral. Passa a vigorar o princípio de prazer, o hedonismo, o narcisismo, o individualismo, sem qualquer compromisso necessário com a sociabilidade, com a esfera pública. Atomismo político, atomismo amoroso. Para Jurandir Freire Costa,

Vivemos numa cultura narcísica, inibidora da experiência amorosa. Aprendemos a “querer tudo” porque nos julgamos “uma totalidade” que não pode apresentar fraturas. O outro só “é desejado se enriquece nosso ser”. Se, ao contrário, nos pede sacrifícios, é rejeitado de pronto (COSTA, 1999, p. 133)

A fluência se consolida na estrutura social da modernidade capitalista. A produção em massa de mercadorias e de serviços estandardizados não ocorre apenas na dimensão material. Os afetos também são arregimentados por esse dispositivo. O narcisista vislumbra inovação, experiências insólitas, prazeres inauditos, mas a lógica permissiva do sistema capitalista estabelecesse uma padronização invisível das experiências hedonistas, para que o risco moral do sofrimento, da dor e do luto não prejudiquem a degustação de um modo de vida descompromissado. A assepsia das relações virtuais e a descartabilidade do que Bauman denomina como “relacionamentos de bolso” são a tônica do “amor líquido”, pois podemos dispor deles quando necessário e depois tornar a guardá-los (BAUMAN, 2004, p. 10). Cabe destacar que não estamos propondo uma moralização do

comportamento afetivo, pois não existe forma única/correta de amar. A grande questão a ser debatida reside no fato de que o consumidor-soberano-amoroso acredita na pura espontaneidade das suas escolhas e buscas por prazer, quando seu comportamento hedonista apenas reflete uma ideologia socioeconômica que exige tanto a superficialidade das relações afetivas como a satisfação constante de desejos produzidos industrialmente pela máquina do mercado, da moda, da publicidade, da mídia.

Para Bauman, “nos compromissos duradouros, a líquida razão moderna enxerga a opressão; no engajamento permanente percebe a dependência incapacitante” (BAUMAN, 2004, p. 65). Tememos assim amar plenamente alguém pelo fato de não queremos vir a ser usados no máximo das nossas capacidades e sermos descartados posteriormente, quando a relação amorosa vir a demonstrar os seus primeiros sinais de turbulência: “desenvolvemos o crônico medo de sermos deixados para trás, de sermos excluídos” (BAUMAN, 2008, p.29). Como o ritmo da vida líquida é marcado pela flutuação dos ânimos e as incertezas quanto ao futuro, o mais sensato é não se investir em nenhum tipo de risco afetivo, permanecendo-se assim na trincheira do amor. Richard Sennett argumenta que “nas relações íntimas, o medo de tornar-se dependente de outra pessoa é uma falta de confiança nela; em vez disso, prevalecem nossas defesas” (SENNETT, 2002, p. 167). Um esforço para alcançar o estado em que se possa continuar recebendo sem dar mais, ou dando não mais do que o padrão estabelecido exige. Nesse sentido, a pessoa busca evitar a ansiedade e constante possibilidade do fim do relacionamento. Investe-se na “vontade de cuidar e de preservar o objeto cuidado”, ainda que exija renúncias ou mesmo implique rotinas, afinal o eu que ama se expande doando-se ao objeto amado. Conforme a exposição de Alain Badiou e Nicolas Truong,

O mundo está, com certeza, cheio de novidades, e o amor também deve ser considerado dentro dessa inovação. É necessário reinventar o risco e a aventura, em oposição à segurança e ao conforto [...] “Eu te amo” passa a ser: existe no mundo a fonte que você é para a minha existência. Na água dessa fonte eu vejo a nossa alegria, e a sua em primeiro lugar (BADIOU & TRUONG, 2013, p. 63-64).

Contudo, a rede de proteção estabelecida pode representar aprisionamento, escravidão e fim da relação. Investe-se no exercício da tolerância para lidar com a diferença que a alteridade representa, diferença que deve ser suportada sob pena de resultar no fim do relacionamento. A ética volátil da Modernidade Líquida e seus códigos

semânticos imprecisos e inconstantes solapam as garantias morais que tanto são esperadas na elaboração de um modo de vida conformista e tranquilo, que geram tédio, enfado. Nessas relações instáveis, renunciamos à segurança em prol de uma acreditada liberdade afetiva, invertendo justamente as premissas basilares da constitucionalidade sociopolítica moderna. O risco, situação ubíqua em uma atmosfera de mudança axiológica, é o grande capital cultural a ser gerenciado pelo sujeito. Tempo e espaço são categorias físicas que perdem suas referências fundamentais. Segundo a ponderação de Ulrich Beck,

Na modernidade tardia, a produção social de riqueza é acompanhada sistematicamente pela produção social de riscos. Consequentemente, aos problemas e conflitos distributivos da sociedade de escassez sobrepõem-se os problemas e conflitos surgidos a partir da produção, definição e distribuição de riscos científicos – tecnologicamente produzidos (BECK, 2000, p.23)

Em quaisquer relações amorosas a fragmentação dos laços afetivos ocorre tanto por desinteresse no cônjuge como pelo desgaste da experiência, e a flexibilização dos códigos sociais facilita na superação do trauma da ruptura. Cada separação se apresentará de forma diferente, devendo se levar em conta o contexto histórico-social. O processo de separação implica uma crise importante na vida do casal, podendo ser elaborada, em diferentes níveis, de forma mais ou menos adaptativa. O dia seguinte da dissolução do laço afetivo é certamente um momento de inflexão individual, um espaço de vazio existencial que requer ser vivenciado de maneira intensa, sem fuga, para que a solidão seja percebida de maneira autêntica. Talvez seja uma espécie de derrelição afetiva na qual é impossível qualquer fuga. Conforme argumenta Massimo Recalcati,

O amor não-narcísico não se fundamenta na confusão entre o Um e o Outro, mas na recíproca solidão dos dois. Por isso os dois são sempre chamados a decidir se renovam ou não sua promessa; em outras palavras, estão sempre livres para se separar (RECALCATI, 2016, p. 57).

As histórias clássicas de amor demonstram sua superficialidade ao transmitirem a ideia do “viveram felizes para sempre”, como se a efetivação matrimonial da relação amorosa culminasse na supressão de todas as adversidades existenciais; talvez seja justamente a partir desse momento que todos os percalços surjam, pois a convivência cotidiana com o outro é a prova maior de sua suportabilidade e a condição indispensável para que possamos desenvolver uma genuína experiência ética com o mesmo. A noção cristã do casamento como uma instituição para a vida toda se revela leviana para com a

própria afetividade humana e suas inerentes falhas. A chama do amor pode se apagar e nada mais plausível do que se vislumbrar uma nova oportunidade de se realizar amorosamente com outra pessoa. Contudo, as mudanças nos costumes tornaram o casamento moderno uma experiência cuja expectativa se pauta na pequena durabilidade, decorrendo daí uma gama de frustrações pela incapacidade humana de conquistar índices plausíveis de felicidade e companheirismo. Nessas circunstâncias, podemos atrelar a instituição do matrimônio na esfera do “Ter”, pois a pretensão de se legitimar o amor pelo casamento cristaliza a afetividade, eliminando a singularidade dos indivíduos; ora, justamente a disposição que intensifica o amor pelo parceiro é a saudade decorrente de sua ausência momentânea. O amor autêntico por uma pessoa não pode se fundamentar apenas em um contrato moral-jurídico-religioso, mas sim em uma poderosa celebração regida pela espontaneidade, pela alegria e pela criatividade.

Experienciar a dor da separação, após uma trajetória de vida compartilhada, é o caminho mais salutar para que ocorra uma possível nova abertura existencial no porvir para novos amores. A tendência usual para se fugir da dor da ruptura e do niilismo que se estabelece é a medicalização, o que apenas afasta por momentos narcolépticos os tormentos morais do luto, do pensamento corrosivo. Nesse momento intransferível é necessária a coragem de se digerir os afetos dolorosos que brotam no âmago, pois somente assim ocorre a superação digna do estado das profundezas para a luz. A ética da Modernidade Líquida é reativa justamente por criar mecanismos de proteção existencial contra a dor da perda, da rejeição, da solidão. Quer-se apenas o prazer sem dor, o que demonstra a impertinência psicológica do hedonismo, pois para que se goze muito é imprescindível que haja uma sensibilidade exacerbada, que torna assim o sujeito mais propenso ao sofrimento intenso. Prazer e dor estão sempre entrelaçados. Contudo, o hedonista não consegue reconhecer esse dado inevitável da existência, e visa forjar um padrão de vida descafeinado, isto é, sem as consequências abrasivas das contradições amorosas, suas perdas, riscos, situações estressantes. O valor de uso de uma relação reside apenas na sua capacidade de gerar prazer, sem consequências morais que aflijam a consciência. Liberdade para gozar sem prestar contas para ninguém.

Na afetividade líquida vivemos sob o regime do poder da velocidade absoluta, no qual o tempo disponível deve ser dedicado ao prazer mais imediato possível. Construir uma relação amorosa sofisticada exige dispêndio desse bem precioso, assim como habilidades de conquista, sedução, empatia, comunhão, conversa. Por isso as histórias

amorosas apresentam traços difusos, fragmentados e disruptivos, onde o horizonte da descartabilidade está sempre apresentando seus traços ameaçadores: se antes tínhamos “o direito de amor exclusivo” sobre uma pessoa, quando ele cessa de existir, surge uma profunda sensação de frustração e de impotência: “O amor humano não está sempre a um passo de ultrapassar a fronteira da violência? Como podemos amar infinitamente o outro sem transpor o limite de sua liberdade? (RECALCATI, 2016, p. 112).

Para a maturidade do casal, situações de conflito são fundamentais para que haja um fortalecimento dos eixos do relacionamento. “Corpos dóceis” são prejudiciais para a intensidade do amor. O “nada é para sempre”, constatação realista de um mundo regido pela finitude, pode se tornar um grande aliado na reconstrução do *modus operandi* da vida amorosa que se reinventa continuamente. As relações amorosas da vida líquida solapam qualquer noção de contrato moral entre os parceiros. Por conta de seu inerente individualismo autocentrado, decisões unilaterais são tomadas sem espaço para negociação. Um dos aspectos mais grotescos desse amor para consumo é a transformação das pessoas em mercadorias do gozo.

Ao analisarmos as transformações axiológicas da experiência do amor jamais podemos descurar de compreendermos as condições estruturais/econômicas da sociedade vigente. Com efeito, a dita Modernidade Líquida representa, no plano afetivo/relacional, a fase do capitalismo em que a flexibilidade é o imperativo inapelável. Segurança e garantia não fazem mais parte da ordem do dia, e assim cada pessoa é obrigada a se adaptar e reconfigurar sua forma de viver de modo a não ser engolida pelo processo avassalador desse sistema que coloca a eficiência e o sucesso como quesitos incondicionais para o progresso individual. Criticar a Modernidade Líquida não significa, todavia, um anseio de retorno ao estofado da Modernidade Clássica, pois seria também encampar suas contradições. O progresso material e o desenvolvimento da técnica não trouxeram o aprimoramento das faculdades éticas do ser humano, ainda que tenham, indiscutivelmente, melhorado suas condições de vida, a despeito dos seus efeitos ambientais. O que urge, na grande crise de valores desse período de liquefação do espírito moderno, é o cultivo de uma forma holística de experimentar a vida que valorize enfaticamente não apenas a empatia, a comunicação, a sociabilidade e a alegria da comunhão amorosa, mas também o direito ao luto, à dor, à tristeza, à frustração. Somente afirmando a tragicidade da existência na pluralidade dos seus aspectos mais contraditórios poderemos estabelecer uma arte da vida que nos forneça meios mais sustentáveis para

desenvolvermos um sentido humanizador para uma realidade que se apresenta de forma tão crua e fria. Administrar o mercado seja talvez mais fácil do que administrar a vida amorosa, pois esta é contingente, imprecisa, para além da tecnocracia.

REFERÊNCIAS

BADIOU, Alain & TRUONG, Nicolas. **Elogio ao Amor**. Trad. de Dorothée de Bruchard. São Paulo: Martins Fontes, 2013.

BAUMAN, Zygmunt. **Amor Líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos**. Trad. de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

_____. **Medo Líquido**. Trad. de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.

_____. **Modernidade Líquida**. Trad. de Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

_____. **A sociedade sitiada**. Trad. de Bárbara Pinto Coelho. Lisboa: Instituto Piaget, 2010.

BECK, Ulrich. **Sociedade de Risco: rumo a uma outra modernidade**. Trad. de Sebastião Nascimento. São Paulo: Ed. 34, 2000.

BECK, Ulrich & BECK-GERNSHEIM, Elisabeth. **O caos totalmente normal do amor**. Trad. de Fernando Romero Fernandes Engel e Milton Camargo Motta. Petrópolis: Vozes, 2017.

COSTA, Jurandir Freire. **Sem fraude nem favor: estudos sobre o amor romântico**. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.

LÉVINAS, Emmanuel. **Entre Nós: ensaios sobre a alteridade**. Coord. da Trad: Pergentino Stefano Pivatto. Petrópolis: Vozes, 2007.

ORTEGA Y GASSET. **Estudos sobre o Amor**. Trad. de Elsa Castro Neves. Lisboa: Relógio d'Água, 2002.

RECALCATI, Massimo. **Não é mais como antes: elogio do perdão na vida amorosa**. Trad. de Joana Angélica d'Ávila Melo. Rio de Janeiro: Zahar, 2016.

SENNETT, Richard. **A corrosão do caráter: consequências pessoais do trabalho no novo capitalismo**. Trad. de Marcos Santarrita. Rio de Janeiro: Record, 2002.

STENDHAL. **Do Amor**. Trad. de Roberto Leal Ferreira. São Paulo: Martins Fontes, 1999.